

EXPEDIÇÃO HUMBOLDT

Grupo de 49 pesquisadores brasileiros e venezuelanos retorna a Brasília depois de descobrir um sítio arqueológico na Amazônia com dois quilômetros de extensão e mais de dois mil anos

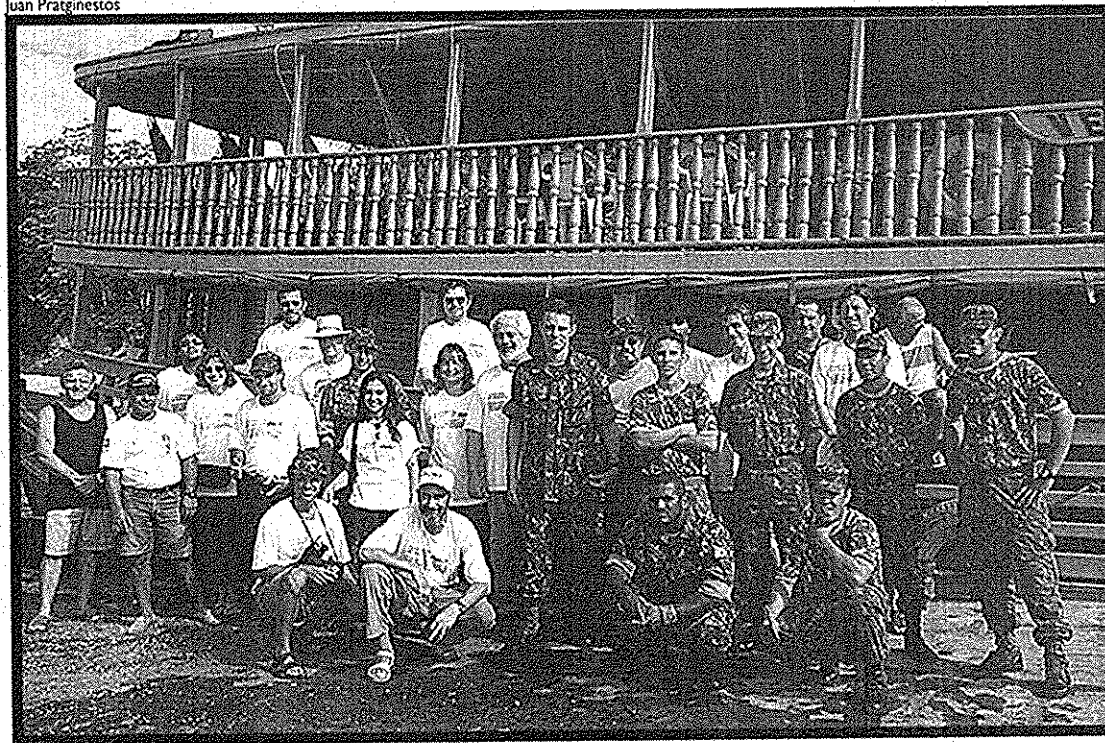
Uma surpresa científica

Rodrigo Caetano
 Da equipe do Correio

De volta ao lar com muito trabalho pela frente. Esse é o espírito dos integrantes da expedição Humboldt 2000, formada por um grupo de 49 pesquisadores brasileiros e venezuelanos que acaba de chegar a Brasília, depois de percorrer mais de 9,2 mil quilômetros por rio e por terra. Eles fizeram o mesmo caminho que o naturalista alemão Alexander von Humboldt traçou há 200 anos. Ultrapassaram a fronteira da Venezuela para chegar a Belém, no Pará. Foram dois meses de viagem cruzando de ponta a ponta as águas do Amazonas. Na bagagem, os cientistas trouxeram grandes descobertas como um sítio arqueológico, a 600 quilômetros de Manaus, nunca visitado e a esperança de projetos de biotecnologia para a agricultura e medicina.

"Todas as pessoas que participaram da expedição entraram com uma cabeça e, com certeza, saíram com outra completamente diferente", analisa o biólogo César Martins de Sá, um dos coordenadores da expedição. Um dos participantes brinca: "Eu saí diferente. Engordei seis quilos". A viagem durou 65 dias e custou cerca de R\$ 600 mil. Os pesquisadores percorreram o curso nos rios com a utilização de três barcos diferentes e a outra parte, cerca de 3,5 mil quilômetros, foi feita por terra. Como as embarcações não eram grandes, alguns cientistas entravam na expedição no meio do

Juan Pratginestós



OS PESQUISADORES PERCORRERAM 9,2 MIL QUILOMETROS CRUZANDO DE PONTA A PONTA AS ÁGUAS DO AMAZONAS

caminho e outros voltavam para casa mais cedo.

O inesperado da expedição foi a descoberta de um sítio arqueológico na Vila das Pedras, situada em Paraná do Ramos (um braço do rio Amazonas no caminho para a cidade de Parintins). Dois pesquisadores do Museu Amazônico — Francisco Jorge dos Santos e Carlos "Tijolo" — desceram na vila e perguntaram se havia terra preta — segundo arqueólogos, a existência do material é um forte indício de ocupação humana. Para o espanto de Francisco Jorge, que fazia aniversário no dia, ele encontrou uma área na vila com muita terra preta.

Depois de escavações, o diretor do Museu Amazônico constatou que acabara de descobrir um sítio arqueológico com peças de artesanato, cerâmica e urnas funerárias sem ossada. "Poderemos agora ter idéia de como era a cultura pré-histórica da Amazônia", comenta o historiador Victor Leonardi, um dos coordenadores da expedição. Cada metro de profundidade de terra preta significa, em média, mil anos. O sítio descoberto tinha dois metros de terra preta, isto é, cerca de dois mil anos. O tamanho do sítio também impressionou: dois quilômetros de extensão. "Serão feitos estudos

posteriores com carbono 14 para datar com exatidão o tempo do sítio arqueológico", observa Leonardi.

O fotógrafo oficial da expedição, Juan Pratginestós, registrou todos os momentos da viagem, inclusive o sítio arqueológico. Ele tirou aproximadamente 10 mil fotos (cerca de 350 filmes de 36 poses). Com a experiência de mais de 30 viagens na Amazônia, o fotógrafo percorreu alguns caminhos feitos no passado e constatou: "tem muitas áreas devastadas, que não eram habitadas. A Amazônia não é mais aquele deserto verde".


PERFIL

Quem foi Alexander Humboldt

Considerado um dos maiores cientistas do seu tempo, Alexander Von Humboldt nasceu em 1769, na Alemanha, e morreu aos 89 anos. Deixou extensa pesquisa na área biológica, astronômica e antropológica. Humboldt passou a virada do século XVIII nas Américas.

Queria conhecer as terras do outro lado da Europa para entender melhor o Velho Mundo. O cientista alemão Humboldt chegou à Venezuela em julho de 1799, com a intenção de cruzar a Bacia Amazônica.

Para isso, subiu de canoa o Orenoco e o Rio Negro, mas foi barrado na fronteira do Brasil. À época, o país era colônia de Portugal e o governador do Pará (território que englobava os atuais estados do Amazonas e Pará) acreditava que Humboldt podia ser um espião a serviço da Espanha, na época inimiga dos portugueses. Frustrado, Humboldt foi obrigado a retornar.

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	CB
Fonte	
Data	07/11/2000 Pg 21
Class.	133

Biotecnologia é destaque

Outra área de destaque dentro da expedição foi a de Microbiologia. Foram quatro especialistas com missões diferentes. Uma delas era coletar e estudar protozoários e bactérias na região do encontro da água do mar com a água doce. A outra era pesquisar alguns fungos endofíticos que vivem em plantas. Há fortes evidências que esses fungos sirvam de base para medicamentos contra o câncer.

As duas outras pesquisas foram desenvolvidas pelo professor Cezar Martins de Sá, também coordenador do programa de Pós-Graduação em Biologia Molecular da Universidade de Brasília (UnB). Na primeira, foi coletado material para investigar quais são os fungos que degradam a biomassa. "Caso algum tipo seja identificado, ele pode ser utilizado para converter, por exemplo, bagaço de cana ou palha de arroz em aminoácidos para alimentação animal", comenta Sá.

EM PROL DO CÂNCER

O outro projeto é em torno de microorganismos bioluminescentes, aqueles que brilham sozinho e emitem luz como o vaga-lume. O pesquisador descobriu um microorganismo fluorescente. A intenção agora é isolar — usando técnicas de biologia molecular — a proteína responsável pela bioluminescência, para depois utilizar o "pigmento" como marcador, por exemplo, em células cancerosas.

Outros resultados da expedição já estão programados. Vai ser publicado um livro em dois volumes com as considerações de cada um dos 49 pesquisadores, exposições fotográficas, vídeos com palestras, depoimentos e registros vividos pelos participantes. O material estará disponível para consulta por professores e universidades no Núcleo de Estudos da Amazônia (NEA) da UnB. A tradução desse material levará em conta as observações do diário original de Humboldt. (RC)